

LINGUAGEM NÃO BINÁRIA: A INTER- RELAÇÃO ENTRE A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA E OS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Antônio Heleno Ribeiro Santiago¹

Patrícia Régia Glória Silva²

RESUMO

A linguagem tem sido um dos elementos que mais têm chamado a atenção nas pesquisas científicas da modernidade tardia. Este trabalho trata do que tem sido chamado de linguagem não-binária/inclusiva/neutra, iniciando o percurso de problematização da terminologia histórica a partir de uma perspectiva crítica. O objetivo geral da pesquisa é o de analisar os enunciados (des) favoráveis à proposta do uso dessa linguagem a partir da discussão sobre as influências da língua latina nos gêneros da língua portuguesa. Nesse sentido, o estudo propõe a articulação entre os estudos da Linguística Histórica e os Estudos Críticos do Discurso (ECD). Em termos de fundamentação teórica, a pesquisa utiliza Faraco (2005), bem como pressupostos da abordagem dialético-relacional, de Fairclough (2001). A metodologia utilizada foi a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), considerando os seguintes procedimentos: coleta de textos que dialoguem com a proposta desta pesquisa, isto é, que discutam a proposta da linguagem não-binária/inclusiva/neutra; termos neutros do latim vulgar e sua relação com alguns termos da língua portuguesa. Por fim, os resultados desta investigação apontam para a necessidade de contextualização histórica das origens da língua portuguesa, bem como da compreensão das motivações da proposta dessa linguagem. Tal

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Federal do Ceará (UFC), helenosantiago@hotmail.com; Bolsista CAPES.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLa), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), patricia.regia@uece.br; Bolsista CAPES.

empreendimento poderá suscitar discussões que se tornam fundamentais para o entendimento da relação entre discurso e sociedade.

Palavras-chave: Linguística Histórica, Estudos Críticos do Discurso, Linguagem não binária, Língua latina, Língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro.

Grada Kilomba

Para nortear esta pesquisa, iniciamos com uma prerrogativa já altamente difundida dentro da ciência da linguagem: a língua tem sua função social. Função esta que também é ação. Uma língua se produz através do uso e se reestrutura no discurso, inerente aos sujeitos que lhe articulam, dando-lhe sentidos e usando-a para situar a si e para situar outrem.

Segundo Faraco (2005, p. 7), “as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo”, justificando assim nossa intenção em lançar mão de um debate sobre fatores que venham a causar estas alterações na estrutura, tida por muitos usuários, como língua “padrão”, em detrimento de outra com aspecto sociopolítico, chamada aqui de Linguagem Neutra ou Não-Binária (LN - B). Trata-se, em parte, da estigmatização de formas tidas como informais e de uso marginalizado por classes chamadas de “minorias”, que através da língua buscam um lugar de visibilidade, de representação, de existência nas esferas sociais, culturais e políticas.

A LN - B nasce dentro de um contexto de lutas sociais, particularmente as lutas feministas e de correntes dentro do feminismo que levantavam a questão da transexualidade, na busca por visibilidade e criticando a norma padrão e heteronormativa que buscava abarcar a todos, mas roubando-lhes o protagonismo, fosse ele discursivo, político ou social. Gostaríamos de ressaltar aqui o posicionamentos dos pesquisadores sobre uma possível concepção de imparcialidade no uso da lexicografia “neutro”, acreditando que não há sistema de neutralidade no discurso, seja ele escrito ou oral, uma vez que ideologias não são criadas sem sujeito e há discurso sem ambos.

Nosso objetivo, com esta pesquisa, é evidenciar como esses debates sobre a inserção da LNB vem sendo recepcionada dentro dos contextos sociais, especificamente na esfera digital, evidenciando o posicionamento de sujeitos distintos acerca do assunto. Para tal, lançamos mão de um processo metodológico voltado para tal, utilizando a plataforma Youtube, onde fazemos uma simples busca por “Linguagem Neutra” e selecionando os vídeos da plataforma com mais visualizações e que tenham posicionamentos favoráveis/contrários no tocante à inserção da LN - B na norma padrão do Português brasileiro.

Posteriormente, discutimos estes posicionamentos à luz das teorias de Faraco (2005) sobre Linguística Histórica e de Fairclough (2001), dentro dos Estudos Críticos do Discurso, para então fecharmos com considerações sobre a importância da pesquisa na comunidade acadêmica, contribuindo para a construção de debates orientados cientificamente e para a aplicação sociopolítica de uma linguagem inclusiva.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo apresenta os caminhos metodológicos, o uso de ferramentas, as técnicas de pesquisa e de instrumentos para a coleta de dados e formação do *corpus*. Considerando o nosso objeto de estudo, buscamos traçar um percurso metodológico que fosse coerente com ambas as correntes teóricas que fazem parte deste estudo interdisciplinar, a saber: a Linguística Histórica (LH) e os Estudos Críticos do Discurso (ECD).

Moita Lopes (1994, p. 331) nos esclarece que: “O que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem, que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades”. Tal citação nos autoriza a afirmar que a natureza do mundo social é bastante complexa e que necessita de um olhar específico acerca dessas realidades.

Para esta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa científica por entendermos que o nosso fenômeno é inerentemente de natureza discursiva/social. Nessa abordagem, segundo Magalhães, Resende e Martins (2017, p. 30), “[...] é possível examinar uma grande variedade de aspectos do processo social, como o tecido social da vida diária, o significado das experiências e o imaginário dos participantes da pesquisa [...], bem como da “[...] forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem”.

Nesse sentido, [...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (ao invés de números), parte da noção da construção social das realidades sob investigação e está interessada na perspectiva dos participantes, nas práticas e no conhecimento cotidianos que se referem à problemática estudada (FLICK, 2007, p. 2, tradução nossa³). Assim, estamos interessados nas

3 [...] qualitative research uses text as empirical material (instead of numbers), starts from the notion of the social construction of realities under study, is interested in the perspectives of participants, in everyday practices and everyday knowledge referring to the issue under study.

características dessa construção social que ocorre por meio de argumentos de diferentes atores sociais.

O método utilizado para este artigo é a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), que se trata de uma proposta formulada por Fairclough (2001) e que é utilizada em diversos estudos dos ECD. Pelo fato de essa abordagem de discurso ser tanto uma teoria quanto um método, nela habitam características de interdisciplinaridade que buscam o contato com outras teorias e métodos.

Além disso, tal proposta possui estudos “[...] cujo principal material empírico são textos, sejam documentos oficiais, entrevistas, reportagens, textos publicitários, dentre tantos outros tipos de texto passíveis de serem materiais de pesquisas em ADC” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 73). A partir dessa citação, entendemos também que, “Se, histórica e politicamente, os textos constituem documentos, na Análise de discurso, eles podem constituir um *corpus*” (MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017, p. 43). Portanto, o material empírico de análise desta investigação são textos, que possuem um caráter histórico, político e social.

Com relação à coleta dos dados, buscamos realizar uma pesquisa dentro da plataforma de vídeos do YouTube. Por ser uma das maiores, senão a maior, acreditamos que tal escolha se justifique diante dos usos que têm sido feitos pelos usuários, a saber: a busca de informações sobre uma grande variedade de temas, haja vista que, cada vez mais, as pessoas preferem assistir a vídeos que ler materiais escritos.

Diante disso, consideramos importante problematizar os diferentes discursos que circulam nesses vídeos, sejam favoráveis ou desfavoráveis ao que se busca compreender. Assim, decidimos inserir a busca por “linguagem neutra” no buscador dessa plataforma e obtivemos inúmeros resultados. A fim de delimitar o escopo de coleta, escolhemos dois vídeos: um produzido pelo Canal Cortes do Inteligência Ltda., que recebia, na ocasião, a participação do Professor Noslen e cujo título é A VERDADE SOBRE A LINGUAGEM NEUTRA, e o outro produzido pelo Canal Tempero Drag em parceria com o canal Elle Brasil, que possui autoria de Rita Von Hunty e cujo título é LINGUAGEM NEUTRA.

A escolha por esses dois vídeos específicos se deu em função da quantidade de visualizações, que é um critério amplamente utilizado por quem pesquisa informações. Além disso, as pessoas que enunciam nesses vídeos possuem parâmetros: de um lado, um professor; do outro, uma professora que faz uso dessa linguagem em termos de representatividade. Assim, coletamos alguns enunciados que puderam ser divididos em três macrocategorias em cada vídeo, como segue abaixo:

Tabela 1: Disposição das macrocategorias em função dos argumentos

Cortes do Inteligência Ltda.	Tempero Drag
A norma padrão não deve sofrer mudanças	Constituição do sujeito através da linguagem
A linguagem não binária é um marcador de uma minoria	As mudanças na língua acompanham as mudanças sociais
As mudanças na língua ocorrem de forma orgânica, não imposta	As relações de poder permeadas na historicidade das línguas

Fonte: próprios autores.

A partir desses argumentos (des)favoráveis, poderemos explorar as razões pelas quais cada um defende/ataca a proposta de linguagem neutra. Para tanto, utilizaremos o referencial teórico que está descrito logo a seguir.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa se baseia nos pressupostos dos ECD e da LH. Os ECD serão aqui abordados a partir do pensamento da abordagem dialético-relacional, que é a proposta de Fairclough (2001). Este teórico compreende que exista uma forte relação entre o que ele nomeia de Discurso e Sociedade. Essa relação dialética fomenta sua construção teórico-metodológica a partir das considerações de que um elemento interfere no outro, causando mudanças.

Nesse sentido, Fairclough (2001, p. 91) entende que “[...] o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado [...]”. Isso implica considerar que o uso social da linguagem é uma prática que nos possibilita apreender o mundo, traduzindo-o em significado. Essa visão que formamos se constitui enquanto uma maneira de representá-lo.

Além disso, Fairclough (2001, p. 91) também considera que o discurso é “[...] um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Dessa forma, o discurso, além de servir como uma maneira de apreensão do mundo, serve também para agir sobre as outras pessoas de tal forma que é possível transformar esse mundo.

A partir dessa noção basilar, entendemos que quando falamos de uma proposta de linguagem neutra estamos lidando com particularidades discursivas, históricas e sociais que fomentam esse debate. Assim, torna-se importante

adotar uma teoria do ponto de vista discursivo e social, como são os ECD, mas também através da perspectiva histórica, tal qual da LH.

Orientamos nossa pesquisa também na Linguística Histórica, especificamente no estudo de Faraco (2005) e seus preceitos sobre as dinâmicas que constituem a língua como objeto de estudo da Linguística Histórica. Defendemos que as mudanças que o discurso sofre sejam uma necessidade da língua para se adaptar, se reestruturar e se atualizar em relação à sua comunidade de fala.

Estas mudanças geram contínuas alterações na língua “sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquilo que costuma ser chamado de *plenitude estrutural e potencial*

semiótico das línguas” (FARACO, 2005, p. 14, grifos nossos). Assim, ainda que em constante movimento, essas formas não perdem seu caráter sistêmico e não deixariam a esmo sua massa de ser e existir, que é o sujeito, o falante. Assim, novas sociedades, novos falantes de novas gerações podem expressar suas percepções individuais, suas vontades, necessidades e desejos. Podem, amparados pelo que lhes situa ao chegarem ao mundo, a língua, se reconhecerem no uso da língua como formadora e promoverem uma alteridade satisfatória, ocupando um lugar e sendo reconhecidos como partes constituintes e importantes do sistema linguístico, que é o que buscamos analisar a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, traremos os resultados e a discussão acerca dos dados coletados em nosso *corpus*, que é composto pelos enunciados (des)favoráveis à proposta de linguagem neutra, que se encontram em dois vídeos disponíveis na plataforma do YouTube. abaixo, iniciamos o percurso de nossa análise a partir das considerações sobre esses vídeos.

O primeiro vídeo que iremos analisar é o que possui teor contrário à proposta de linguagem neutra. Abaixo, podemos ver um *print* retirado de um dos momentos do vídeo e, a seguir, os enunciados que mais nos chamaram a atenção:

Figura 1 - Vídeo “A verdade sobre a linguagem neutra”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=k3E1ExBEnNY>

“Cara, eu vou separar as coisas pra gente poder entender bem. Existe uma coisa chamada língua portuguesa padrão, que é a parte técnica, que é a parte do estudo da língua. E existe uma coisa social, que existe a nossa linguagem social. Quando eu falo de linguagem social, a gente vai entrar nos grupos sociais”.

“Uma coisa é a transformação orgânica da língua, natural. Outra coisa é uma transformação artificial, uma mudança imposta”.

“Dentro da língua portuguesa, não cabe essa realidade da linguagem neutra hoje porque a norma padrão é a que vale, e se a língua mudar, ela vai mudar de acordo com a norma-padrão, num processo natural”.

Como podemos observar através das transcrições do discurso proferido pelo sujeito, a língua e sua forma padrão estariam em um pedestal de imaculabilidade, existindo para além da necessidade de uso e de representação de uma comunidade de fala. No entanto, amparados nas discussões já levantadas pelas teorias acima citadas, a língua apenas existe no uso, sendo passível de mudanças e se adequando às necessidades de seus falantes, coexistindo simbioticamente com o social e se adequando a ele (FARACO, 2005).

Além disso, os enunciados acima deixam de considerar a relação dialética existente entre Discurso e Sociedade, pois esses elementos se interconectam provocando mudanças. há uma tentativa de separação explícita entre o que seria linguístico e o que seria social, o que torna o argumento desfavorável à

proposta de linguagem neutra, na medida em que considera não haver espaço para ela dentro da língua portuguesa.

Figura 2 - “Linguagem neutra”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WAzsxxMMIIM>

“O sujeito se constitui através da linguagem. Então, uma parte gigantesca de quem nós somos depende do nosso atravessamento por esse conteúdo simbólico que nos precede”.

“As palavras carregam consigo histórias de transformações sociais e essas alterações da realidade provocam alterações da linguagem, mas é também importante saber que alterações da linguagem podem propor alterações da realidade”.

“Pensar uma linguagem neutra é acompanhar o caminhar dos tempos”.

Já no discurso acima transcrito, retirado do segundo vídeo, existe uma mudança de enfoque da língua, evidenciando seu caráter constitutivo na vida humana, para além de sua estruturação como formal ou informal, enfatizando e corroborando com o referencial teórico utilizado, onde a língua é ferramenta de situação, de poder e, não só passível de mudança, mas termômetro social dela mesma.

A partir dos enunciados acima elencados, haja vista a notoriedade que eles possuem diante do debate sobre a questão da linguagem neutra, acreditamos que o primeiro argumento (o de constituição do sujeito) seja de importante reflexão para este trabalho pelo fato de que há nessa fala uma relação entre

o sujeito e a linguagem, isto é, aquele que enuncia e também aquilo que torna possível a enunciação. Nesse sentido, o conteúdo simbólico (a linguagem) dita aquilo que nós percebemos enquanto seres em um mundo linguageiro, o que nos faz pensar na concepção de discurso, de Fairclough (2001), enquanto uma prática de representação.

Em suma, vemos que os argumentos contrários à linguagem neutra se resumem na compreensão de uma separação entre a “linguagem padrão” e a “linguagem social”, na organicidade que o sistema linguístico teria e na não naturalização/imposição da linguagem neutra. Por outro lado, os argumentos favoráveis à proposta se baseiam na constituição do sujeito pela linguagem, nas transformações sociais e no caráter histórico da linguagem.

Por fim, constatamos que a discussão acerca de uma proposta da linguagem neutra, brevemente resumida neste trabalho, suscita uma série de provocações em torno das ciências das linguagens, bem como de uma grande quantidade de elementos sociais, que vão ora sendo usados como justificativa para a manutenção, ora sendo usadas para a transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem neutra, enquanto uma proposta de inclusão de um grupo social, fomenta debates, por vezes fervorosos, acerca de como funcionaria a língua em diversos usos do cotidiano, tal qual como no uso do termo *todes*, por exemplo. Diante disso, é fundamental entendermos o porquê desse uso e o que ele carrega em termos históricos, discursivos e sociais.

É essencial, portanto, que a academia se abra ao debate e busque ouvir as pessoas que argumentam necessitar dessa proposta, haja vista que elas não se sentem incluídas com o uso padrão da língua. É somente diante de pesquisas que poderemos vislumbrar saídas que corroborem (ou não) com essa proposta e que nos façam compreender as motivações para esse uso social da linguagem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento concedido ao longo da Pós-Graduação.

REFERÊNCIAS

A verdade sobre a linguagem neutra. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3E1ExBEnNY>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília, UnB, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FLICK, Uwe. **Designing qualitative research**. Los Angeles: Sage, 2007.

LINGUAGEM neutra. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAZsxxMMIIM>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MAGALHÃES, I; RESENDE, V. M. MARTINS, A. R. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, V. 10, n. 2, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Editora Pontes, 2011.